

Escutam-se Histórias da Vida¹

Rebeca ZAVASKI²

Luciellen LIMA³

Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, Campina Grande, PB

RESUMO

O homem sempre buscou ser ouvido, contar e registrar suas histórias. Dentro dessa perspectiva, este trabalho teve como objetivo produzir um documentário cinematográfico para narrar histórias de anônimos. A princípio parecem histórias banais, mas, para cada depoente, têm peso e significados diferentes. As gravações foram feitas com pessoas que transitam pelas ruas de João Pessoa, capital da Paraíba. Ao ver uma placa colocada pela equipe de gravação com a frase “Escutam-se Histórias de Vida”, as pessoas se aproximaram espontaneamente e se transformaram nos personagens do documentário com suas próprias histórias. O diretor saiu sem roteiro e voltou com boas histórias que foram transformadas em obra audiovisual na ilha de edição.

PALAVRAS-CHAVE: Cinema; Documentário; Histórias.

1 INTRODUÇÃO

Contar e ouvir histórias. Ações responsáveis pela propagação das memórias durante muitos anos, enquanto a comunicação oral era a mais eficiente forma de propagação de informações. A busca por elementos que pudessem registrar momentos e guardar memórias fez o homem criar a pintura, a escrita, a fotografia. Dentro dessa mesma lógica surgiu o vídeo. Primeiro, apenas as imagens. Depois, a sincronização com o som. E o cinema surge como arte audiovisual.

Misto de meio de comunicação de massa, arte e diversão coletiva, o cinema se mostrou um *medium* eficiente para difundir ideais, enaltecer símbolos nacionais, exportar cultura, (re)contar e registrar fatos e histórias

¹ Trabalho submetido ao XXIII Prêmio Expocom 2016, na Categoria Cinema e Audiovisual, modalidade Filme de não ficção/documentário/ docudrama.

² Estudante concluinte do Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo - UEPB, email: becazavaskigs@gmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo - UEPB, email: luciellenlima@hotmail.com.

que ocultavam ou mostravam informações conforme interesses variados. (SOARES, 2011, p. 1).

Dentre os gêneros cinematográficos, o documentário se caracteriza pelo compromisso em retratar a realidade. Registra, interpreta e/ou comenta um fato, um ambiente ou uma determinada situação (NERO, 2014). A construção de um documentário se dá ao longo do processo de produção. Nem sempre existe roteiro, como nas obras cinematográficas de ficção. Porém, quando ele existe, não determina como a obra será finalizada. O formato final é construído depois da conclusão da fase de edição. De acordo com Penafria (1999), no documentário os diálogos não são previamente escritos pois lida com intérpretes reais do mundo existente.

Utilizamos como inspiração para o nosso documentário o trabalho do documentarista Eduardo Coutinho. Ele realizou diversos filmes que serviram de base para o nosso projeto, tais como, “Cabra marcado para morrer” (1984), “Jogo de Cena” (2007) e “O fim e o princípio” (2005). Esse último, de maior relevância, pois fundamenta o que pregamos em nosso documentário cinematográfico. Coutinho levou sua produção para o sertão da Paraíba, sem roteiro definido, sem previsão do que ia gravar. No município de São João do Rio do Peixe a equipe descobre o Sítio Araçás, uma comunidade rural onde vivem 86 famílias. No local, os moradores contaram suas histórias de vida para as lentes e deram forma ao documentário.

Ao falar sobre o trabalho do documentarista Eduardo Coutinho, Lins (2007) evidencia a característica do diretor de olhar para quem não tem os holofotes em sua direção.

[...] no lugar de se ocuparem de grandes acontecimentos e de grandes homens da história, ou de acontecimentos e homens exemplares, identifica acontecimentos quaisquer e homens insignificantes, aqueles que foram esquecidos e recusados pela história oficial e pela mídia. (LINS, 2007, pg 32).

Buscamos, neste trabalho, viver a experiência de dirigir um documentário cinematográfico com roteiro aberto, extraindo o máximo de nossos personagens, sem nos preocupar demais com a estética, deixando-os livres, e assim realizar um documentário-verdade, onde apenas na edição temos a sua real montagem.

Partindo do princípio de que a melhor pessoa para contar uma história real é o próprio indivíduo que a vive, este trabalho buscou boas histórias vividas por pessoas comuns. Por meio de uma placa e um cenário simples colocados em praça pública, atraímos

peessoas dispostas a contar de forma espontânea o que achassem mais conveniente sobre os fatos das próprias vidas.

Para estimular a curiosidade das pessoas que transitam pelo centro da cidade, escolhemos a Praça Vidal de Negreiros, mais conhecida como Ponto de Cem Réis, como locação. Um importante local histórico para a cidade de João Pessoa, lá colocamos um pequeno cenário e uma placa com os dizeres: “Escutam-se histórias de vida”. Quando ainda estávamos montando os equipamentos, nossa primeira personagem se aproximou movida a princípio por curiosidade, e sem nenhuma cerimonia nos contou sua história.

O documentário cinematográfico, produto deste trabalho, foi realizado como trabalho de conclusão do curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba. Traçamos um paralelo com o cinema de Eduardo Coutinho quando tratamos essas histórias como a arte do improviso, construindo a história a várias mãos, desde o personagem até o editor. Porém, deixamos que o narrador-personagem tivesse voz-própria, tendo quase que total autonomia.

2 OBJETIVOS

Geral:

Registrar em documento fílmico histórias de pessoas anônimas que transitam pelas ruas da cidade de João Pessoa, capital da Paraíba, e transformar em documentário cinematográfico.

Específicos:

Buscar uma nova forma de relatar histórias reais diferente dos meios noticiosos;

Experimentar a técnica do roteiro aberto.

3 JUSTIFICATIVA

Optamos pela modalidade de Documentário Cinematográfico para o trabalho de conclusão de curso porque desde o início da graduação tivemos a oportunidade de trabalhar com projetos de audiovisual, da realização de filmes a festivais de cinema. A nossa afinidade com a produção audiovisual nos fez buscar realizar um produto ligado ao registro do real, um tendência jornalística. Porém, com formato e critérios diferentes dos vistos no jornalismo audiovisual tradicional.

Com este trabalho buscamos exercitar uma forma diferente de fazer cinema, com roteiro aberto, sem personagens definidos. Um desafio em busca da lapidação e do amadurecimento enquanto profissionais do audiovisual em construção.

Acreditamos que nosso trabalho se faz importante não apenas pelo exercício cinematográfico, mas por registrar histórias de pessoas anônimas. Histórias fortes, únicas, que passariam despercebidas pela grande mídia. Mas, trazem lições e significados profundos, retratos de escolhas pessoais e da cultura dos lugares onde essas pessoas foram inseridas ao longo da vida.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

No processo de realização de qualquer produto audiovisual, existem as fases de produção que precisam ser respeitadas. Segundo Rodrigues (2007), a produção de um filme se refere a tudo que envolve fazer um filme, sendo subdividida em três etapas: pré-produção, produção e pós-produção.

Na fase de pré-produção a equipe faz a captação de recursos, levanta gastos e define o custo do filme, faz o planejamento logístico, define a tática de filmagem e do retorno do investimento aplicado, controlando distribuição e exibição (SALLES, 2008). Para o realizar o nosso projeto utilizamos equipamentos e recursos próprios e de amigos, sem fazer uma estimativa específica de gastos e um orçamento. Na pré-produção a equipe vai em busca de planejar e definir os pormenores técnicos de organização para que, na hora das gravações, tudo ocorra com planejado, o mínimo de imprevistos possíveis (SALLES, 2008).

A etapa de produção é quando acontecem as gravações e a de pós-produção inclui desde a desmontagem do cenário, chamada de desprodução do set de filmagem, até a edição, finalização do filme (SALLES, 2008).

Utilizamos uma equipe reduzida, na qual contamos com um diretor, um assistente de direção, dois diretores de fotografia, um técnico de som, um produtor e três assistentes de produção. Optamos em ter uma equipe pequena, inclusive com pessoas assumindo mais de uma função, porque se trata de um filme totalmente independente e colaborativo, no qual não tivemos apoio financeiro ou de edital para a realização do mesmo. Além disso, uma equipe grande poderia inibir os personagens na hora da entrevista. Aqui vamos nos ater apenas às funções empregadas no documentário cinematográfico realizado.

Segundo Salles (2008), o Diretor de Fotografia, é o responsável pela imagem de um filme, incluindo o design da luz. Ou seja, ele concebe as características estéticas dos tipos de iluminação para cada plano, bem como eventuais efeitos de filtragem na luz. O assistente de direção trabalha junto ao diretor e faz a ponte entre a direção e os outros departamentos. Participa das etapas de pré-produção e produção. O técnico de som é responsável pela captação e gravação do som direto do filme. Trabalha na pré-produção, influenciando na produção escolha da locação, na produção e na pós-produção, fazendo a finalização e efeitos de som ou trilha sonora do filme. Já o editor faz a edição ou montagem das cenas, de acordo com o roteiro. Seu trabalho é acompanhado pelo diretor do filme. No caso do documentário resultado deste trabalho, o roteiro foi sendo montado na ilha de edição. Esse profissional trabalha na pós-produção. O assistente de produção trabalha no departamento de produção, junto ao diretor de produção e sua função pode se dividir em departamentos: logística, transporte, elenco, hospedagem e alimentação, etc.

Os fotógrafos trabalham registrando as gravações, personagens, bastidores. As fotografias servem para montar cartaz, material de divulgação e qualquer outro material correspondente à produção.

Conforme rege a Lei 9.610/98 – de direitos autorais (em anexo), foi criado um termo de autorização de uso de imagem e voz, que todos os depoentes concordaram em assinar, liberando o uso de sua imagem e voz para o vídeo.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Iniciamos a realização deste trabalho pela pesquisa, na qual buscamos que tipo de história gostaríamos de contar. A equipe técnica foi formada por: um diretor, um assistente de direção e um produtor. Após reuniões, chegamos à ideia de fugir do convencional. Queríamos um documentário que se construísse por suas histórias e por seus personagens, onde quem daria o ritmo seriam os depoentes. Chegamos à conclusão de que contaríamos histórias de pessoas anônimas.

Pensamos na concepção do cenário para compor nossa locação. Para chamar atenção e ficar bem visível, usamos cores preferencialmente quentes, tanto nos objetos como na placa com a frase “Escutam-se histórias de vida”. As cores definem um contexto com vários significados, que podem evidenciar o estado de espírito de uma pessoa e, cinematograficamente, as cores se aliam ao uso da luz e possuem função expressiva.

Para compor o cenário usamos os seguintes objetos: um tapete, para delimitar a área do cenário, uma cadeira, uma mesa de canto, um abajur e dois objetos decorativos. Tudo pensando para que pudéssemos chamar atenção dos pedestres, criando um clima de conforto. O cenário ajuda a contar a história do filme e a ideia foi fazer com que os depoentes se sentissem a vontade.

Montamos um cronograma de gravação, com ordem do dia, contatos da equipe e equipamentos de produção. Com auxílio de amigos, conseguimos recolher todos os objetos para o cenário. Marcamos a gravação para o período da tarde, por volta das 13 horas, pois é quando se tem um maior fluxo de pessoas transitando no local.

Para a escolha da locação, pensamos em um local que representasse a história da cidade, para fazer como plano de fundo, além de ter um bom fluxo de pessoas, já que não teríamos personagens depoentes previamente escolhidos. Definimos a Praça Vidal de Negreiros, mais conhecida por Ponto de Cem Réis, por fazer parte da memória da cidade de João Pessoa, por ser cenário histórico, político e social, de grandes transformações da capital paraibana.

Depois tudo planejado e organizado, fomos para a fase da produção. Chegamos à locação por volta das 13h30. Quando ainda estávamos montando o cenário nossa primeira personagem nos abordou, chamada Marta Maria M. Tenório, 65 anos, instigada pela curiosidade, perguntou se era uma apresentação teatral. Explicamos o que aconteceria e de imediato ela se prontificou em compartilhar sua história conosco. No seu depoimento o assunto predominante foi a batalha que enfrentou com o câncer de mama. Estava com o marido, por quem ela se diz apaixonada mesmo com mais de 40 anos de casados.

Estávamos preparando os equipamentos para iniciar a gravação do próximo depoimento quando nossa segunda personagem apareceu. Jennifer Diniz da Silva Leite, 22 anos, contou que tem um sonho de constituir uma família bem diferente da qual ela cresceu, pois apesar das dificuldades que passou com os familiares não perde a esperança de construir algo novo. Os dois depoimentos fluíram bem e gravamos rapidamente.

Durante a gravação do segundo depoimento Ricardo da Silva Oliveira, 25 anos, se aproximou de nossa equipe perguntando se estávamos gravando algum comercial para TV. Um dos assistentes de produção explicou do que se tratava o projeto e imediatamente ele quis participar. “A minha história é sofrida, mas preciso compartilhar com as outras pessoas para que elas não cometam o mesmo erro que eu cometi”, nos contou o ele. O maior depoimento foi o dele, que fez questão de compartilhar detalhe por detalhe de sua vida.

Desde o tempo em que era jogador de futebol até o período em que cometeu um crime e por causa disso foi preso, e que segundo o mesmo foi a pior fase de sua vida. Naquele dia ele se encontrava em liberdade condicional e estava indo assinar a condicional quando passou pelo Ponto de Cem Réis.

Durante a gravação dos primeiros depoimentos, um aglomerado de curiosos ficou em torno da equipe. Uma dessas pessoas acabou se tornando um dos personagens. Peron Araújo Borges, 78 anos. Mesmo com problemas na fala, ele fez questão de nos contar um fato que até hoje marca sua vida. Ainda na adolescência, o senhor Peron se masturbava para sua irmã, o que demonstra certo desajuste familiar, que vamos compreendendo melhor ao longo do seu depoimento. E as consequências se perpetuaram ao longo da vida de seu Peron, que hoje se encontra sozinho, pois nunca casou e nem teve filhos, e encontra refugio apenas na Igreja.

Logo após o quarto depoimento um grupo de três jovens se aproximou. Uma delas se dispôs a nos conceder o seu depoimento. Janicléia Cordeiro da Silva Sena, 20 anos, abordou questões da faculdade e o seu futuro. As amigas que a acompanhavam, ficaram tão entusiasmadas que registraram tudo no celular. Por questões de narrativa fraca, pouco explicativa, esse depoimento não entrou no filme.

Passamos um período de uns vinte minutos sem que mais ninguém se aproximasse, quando abordamos o senhor Pedro, que estava apressado para fazer um jogo na loteria, mas concordou em conversar conosco. Seu Pedro Figueiredo da Silva, 70 anos, é aqueles casos vindos de uma família bem estruturada financeiramente, mas que perdeu todo seu dinheiro e teve que trabalhar muito para vencer na vida. Identificou-se com o trabalho e hoje, no auge da terceira idade, relatou estar completamente apaixonado pelo ofício de sapateiro e que só deixaria de exercer quando “Deus chamá-lo para sua morada”.

Nossa última depoente, Maria do Socorro da Silva, 67 anos, declarou na entrevista que gosta de ajudar ao próximo, relatou também que sua vida parecia banal diante de outras, confessou em seu depoimento que o sonho de morar em outro país foi permeado de dificuldade, mas que não se arrepende e ainda aconselhou para que devemos aprender a lidar com todos os tipos de situações e tirar bom proveito sempre.

Nas entrevistas, apenas o diretor conversava com os personagens. As entrevistas foram feitas em tom de conversa coloquial, sem perguntas preparadas, sem parecer uma entrevista. O diretor ficou sentado no chão para não intimidar os depoentes, se colocando num patamar abaixo deles. Assim, sem se sentirem intimidados, eles se sentiriam mais à

vontade para falar. A ideia foi que o diretor fosse visto como uma pessoa disposta a ouvir, sem fazer julgamentos, sem fazer comentários, interferindo o mínimo possível.

Concluimos as gravações dos depoimentos pontualmente às 17 horas. Fizemos ainda imagens do centro da cidade com pessoas transitando, para serem usadas como imagens de cobertura do filme, para mesclar com as cenas dos depoimentos e ilustrar o local. Começamos a desmontar o cenário e, em pouco tempo, guardamos todos os equipamentos e objetos em nosso transporte. Por causa da falta de recursos, um familiar nosso ficou responsável para fazer o transporte da equipe e do material.

No dia seguinte às gravações, nos dirigimos à ilha de edição, afim de concluir o mais breve possível o filme. Ao capturar as imagens brutas para o computador, percebemos que faltaram gravar algumas imagens que fariam diferença para o produto final, tais como planos detalhes dos personagens entrevistados, fazer uma tomada dos personagens frontal. Percebemos alguns erros de posição da câmera que fizeram com que parte das imagens dos entrevistados ficassem meio de lado, e não de frente. Porém, contamos com a experiência do editor e com seu olhar artístico para solucionar o problema. Ele aproveitou mais os depoimentos, mesclando uma fala de determinado personagem com a de outro. Com essa solução não precisaríamos montar novamente toda a estrutura de gravação.

Foram apenas dois dias na ilha de edição, onde cortamos as imagens, selecionamos e montamos o filme. A escolha da trilha sonora também foi ideia do editor. Trouxe uma característica regional para a cena de abertura do filme. Com a finalização da edição, nosso documentário cinematográfico ficou com a duração de 13 minutos e 50 segundos, incluindo créditos de abertura e finais. Finalmente, após semanas de trabalho, entre a formação do conceito, planejamento e execução do produto, “Escutam-se Histórias de Vida” estava pronto.

FICHA TÉCNICA:

Argumento e direção: Rebeca Zavaski

Assistente de direção: Fabiana Melo

Produção: Rebeca Zavaski

Direção de Fotografia: Rafael Souza Faria e Rodrigo de Carvalho Panda

Direção de Som: Rafael Souza Faria

Edição, montagem e finalização: Rafael Souza Faria

Assistente de produção: Fernanda Alves, Taís Almeida e Pedro Regada.

6 CONSIDERAÇÕES

Realizar este produto midiático, “Escutam-se Histórias de Vida”, foi a possibilidade de colocar em prática o que aprendemos no curso de comunicação e nos anos de produção audiovisual. Ao ter a possibilidade de finalizar nosso curso com um material audiovisual, pudemos exercitar algo que para nós surgiu durante o curso de jornalismo, a produção audiovisual, e que abraçamos seriamente, visando fazê-lo da melhor forma possível. É gratificante ver nossos primeiros trabalhos na área e agora poder comparar com “Escutam-se Histórias de Vida”, e constatar que estamos melhorando em nossas narrativas e nas linguagens que nos propomos a transpor para as telas.

Concluimos com o filme, e com nossos personagens, que todo mundo tem uma história a ser compartilhada, seja ela triste ou alegre, mas que em algum momento de nossas vidas precisamos desabafar. Como se colocasse para fora todas as experiências vividas e fazendo assim com que quem as escute possa aprender um pouco e não cometer os mesmos erros, ou aprender a batalhar por aquilo que se acredita. Vale ressaltar o quanto essas histórias mexeram com a equipe, pois nos fez refletir sobre nós mesmos e nossa conduta para com nossas vidas.

“Escutam-se Historias de Vida” foi um trabalho que nos deixou imensamente felizes com o resultado e que nos fez querer levar para outros lugares, repetir a estrutura e dar voz para outras pessoas, em outras cidades, estados, e expandir o projeto, para assim podermos escutar e compartilhar outras histórias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAPUZZO, Heitor. **Cinema – aventura do sonho**. São Paulo, Editora Nacional, 1986.

LINS, Consuelo. **O Documentário de Eduardo Coutinho: televisão, cinema e vídeo**. 2ª ed. – Rio de Janeiro, Jorge Zarh, 2007.

NERO, Andrea. O documentário como metalinguagem: limites entre ficção e realidade. Análise de “Terra deu, terra come”. In: I Jornada Internacional GEMInIS, São Carlos, 2014. **Anais eletrônicos...** Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, 2014. Disponível em: <[http://www.geminis.ufscar.br/download/jornada_internacional_geminis_entretenimento_tansm%C3%ADdia_\(jig_2014\)/narrativa_audiovisual/O%20document%C3%A1rio%20como%20metalinguagem.pdf](http://www.geminis.ufscar.br/download/jornada_internacional_geminis_entretenimento_tansm%C3%ADdia_(jig_2014)/narrativa_audiovisual/O%20document%C3%A1rio%20como%20metalinguagem.pdf)> . Acesso em: 16 jan. 2016.

PENAFRIA, Manuela, **O filme documentário – história, identidade, tecnologia**. Editora Cosmos, Lisboa, 1999

RAMOS, Fernão Pessoa. **Mas afinal... o que é mesmo documentário?** São Paulo: Senac, 2008.

RODRIGUES, Chris. **O cinema e a produção.** Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

SALLES, Filipe. **Como Se Faz Cinema.** Arquivo digital. 2008. Disponível em: <<http://www.cinema.seed.pr.gov.br/arquivos/File/ComosefazCinema.pdf>>. Acessado em: 05 mai. 2016.

SOARES, Renata R. G. de Q. Cinema, Memória e Patrimônio. In: XXVI SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 2011, São Paulo. **Anais eletrônicos...** ANPUH, São Paulo, 2011. Disponível em: <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300664212_ARQUIVO_TextocompletoAnpuhUSP.pdf> . Acesso em: 27 de mai. 2016.